

PESQUISA, FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA

RESEARCH, FORMATION AND EMANCIPATION: REFLECTIONS FROM AN EXPERIENCE

INVESTIGACIÓN, FORMACIÓN Y EMANCIPACIÓN: REFLEXIONES A PARTIR DE UNA EXPERIENCIA

Ozerina Victor de Oliveira¹ 0000-0001-7063-6483
Imar Domingos Queiroz² 0000-0003-0747-7947
Rosana Paula da Silva Nascimento³ 0000-0001-7953-07570

¹ Universidade Federal de Mato Grosso - Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; ozerina.oliveira@ufmt.br

² Universidade Federal de Mato Grosso - Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; imarqueiroz64@gmail.com

³ Escola Estadual Benedito Pereira Leite - Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil; rosanapaula629@gmail.com

RESUMO:

Pode um exercício de pesquisa configurar emancipação? Sim, pode. Esta é a conclusão a que chegam as autoras deste artigo. Para expor o raciocínio que conduziu a esta conclusão, as autoras descrevem a realização de uma pesquisa-ação; desenvolvem reflexões sobre algumas implicações entre experiência de pesquisa e formação docente; e destacam elementos do processo de emancipação de uma professora, no contexto de formação, em um programa de Pós-graduação *stricto sensu*. O objetivo é pôr em debate a possibilidade de emancipação e dar visibilidade a uma experiência de pesquisa de uma professora, enxergando-a como visceralmente articulada à formação docente. As descrições, reflexões e destaques se encontram consubstanciados, fundamentalmente, pelas noções de experiência (Henning, 2019; Bondía, 2002), de formação (Monteiro, 2019; 2020) e de autonomia docente (Freire, 1987; 1996), chamando a atenção para a problematização, para a indignação, para o estudo sistemático, para o exercício da reflexão e para as relações horizontais e coletivas, entendidas como decisivas ao processo de emancipação. Ao final, as autoras situam a emancipação, no exercício constante, cotidiano e socialmente referenciado, do trabalho docente, sendo este articulado à formação e à pesquisa. A experiência de pesquisa problematizada e analisada pelas autoras foi apresentada no Painel 5 - Invenções Curriculares para/na Educação do Campo, no XI Colóquio Internacional de Políticas Curriculares, VII Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa e Práticas Educacionais e IV Simpósio Curricular Regional Nordeste.

Palavras-chave: formação docente; pesquisa-ação; currículo; autonomia.

ABSTRACT:

Can a research exercise lead to emancipation? Yes, it can. This is the conclusion reached by the authors of this article. In order to explain the reasoning that led to this conclusion, the authors describe how an action research project was carried out; develop reflections on some implications between research experience and teacher training; and highlight elements of a teacher's emancipation process, in the context of training in a *stricto sensu* postgraduate

program. The aim is to debate the possibility of emancipation and give visibility to a teacher's research experience, seeing it as viscerally linked to teacher training. The descriptions, reflections and highlights are fundamentally based on the notions of experience (Henning, 2019; Bondía, 2002), training (Monteiro, 2019; 2020) and teacher autonomy (Freire, 1987; 1996), drawing attention to problematization, indignation, systematic study, the exercise of reflection and horizontal and collective relationships, which are understood as decisive to the process of emancipation. In the end, the authors situate emancipation in the constant, daily and socially referenced exercise of teaching work, which is linked to training and research. The research experience problematized and analyzed by the authors was presented in Panel 5 - Curricular Inventions for/in Education in the Countryside, at the XI International Colloquium on Curricular Policies, VII Seminar, VII National Seminar of the Research and Educational Practices Group and IV Northeast Regional Curricular Symposium.

Keywords: teacher training; action research; curriculum; autonomy.

RESUMEN:

¿Puede un ejercicio de investigación conducir a la emancipación? Sí, puede. Esta es la conclusión a la que han llegado los autores de este artículo. Para explicar el juicio que llevó a esta conclusión, los autores describen cómo se llevó a cabo un proyecto de investigación-acción; desarrollan reflexiones sobre algunas implicaciones entre la experiencia de investigación y la formación de profesores; y destacan elementos del proceso de emancipación de un profesor en el contexto de la formación en un programa de postgrado *stricto sensu*. El objetivo es debatir sobre la posibilidad de emancipación y dar visibilidad a la experiencia de investigación de un profesor, considerándola visceralmente vinculada a la formación docente. Las autoridades, reflexiones y destaques se basan fundamentalmente en las nociones de experiencia (Henning, 2019; Bondía, 2002), formación (Monteiro, 2019; 2020) y autonomía docente (Freire, 1987; 1996), llamando la atención sobre la problematización, la indignación, el estudio sistemático, el ejercicio de la reflexión y las relaciones horizontales y colectivas, que se consideran decisivas para el proceso de emancipación. Al final, los autores sitúan la emancipación en el ejercicio constante, cotidiano y socialmente referenciado del trabajo docente, que se vincula a la formación y a la investigación. La experiencia de investigación problematizada y comprobada por los autores fue presentada en el Panel 5 - Invenciones Curriculares para/en la Educación Rural, en el XI Coloquio Internacional de Políticas Curriculares, VII Seminario Nacional del Grupo de Investigación y Prácticas Educativas y IV Simposio Curricular Regional Nordeste.

Palabras clave: formación de profesores; investigación-acción; currículo; autonomía.

Introdução

“Professora, eu me emancipei”. Esta foi a conclusão de uma das autoras, dirigida à sua orientadora, ao discutir coletivamente a pesquisa que desenvolveu no curso de mestrado, em reunião do grupo de estudo. Esta afirmação impactou duas pesquisadoras experientes, a orientadora e uma das colaboradoras do grupo de estudo, em estágio pós-doutoral, frente à complexidade social e acadêmica, tradicionalmente requerida na compreensão da emancipação. Desde então, as pesquisadoras experientes passaram a discutir a afirmação da e com a professora recém-formada, já mestra em educação, com o propósito de compreender o processo

que a levou ao entendimento de que estaria emancipada ou de que se sentia emancipada. A pergunta que se faziam era: pode um exercício de pesquisa configurar emancipação?

As pesquisadoras experientes, juntamente com a professora, que recém havia finalizado seu mestrado, retomam o processo de formação desta, em sua trajetória no curso, em um Programa de Pós-graduação em Educação. Ao mesmo tempo em que identificam momentos decisivos para o reconhecimento da existência da emancipação, sistematicamente, ancoram teoricamente as reflexões desenvolvidas, articulando esses momentos decisivos à compreensão de pesquisa, de formação docente, de currículo, de experiência e de autonomia docente.

O objetivo das autoras é pôr em debate a possibilidade de emancipação, a partir de uma experiência de pesquisa, em que todas estão envolvidas, de diferentes formas, ganhando destaque a perspectiva da pesquisadora iniciante, assim denominada, porque o que se relata é o seu primeiro exercício de pesquisa, desenvolvido em um curso de mestrado acadêmico, em um Programa de Pós-graduação *stricto sensu* de uma Universidade pública, localizada na região Centro-Oeste do Brasil.

Pôr em debate a possibilidade de emancipação se encontra implicado em outro propósito, que consiste em dar visibilidade à experiência de pesquisa de uma professora, a pesquisadora iniciante, enxergando-a como visceralmente articulada à formação docente. Na materialização dos objetivos, as autoras descrevem pontos cruciais da trajetória de formação da professora pesquisadora iniciante, relacionam esses momentos com a compreensão de experiência, implicada pela reflexão e que trazem desdobramentos para a própria compreensão de formação docente. Estes pontos cruciais, ao mesmo tempo em que constroem a coerência do raciocínio de relacionar, retrodutivamente e prospectivamente - de articular o que escrevem e publicam determinados pesquisadores e pesquisadoras da educação com as práticas de pesquisas e formação institucionalmente situadas -, se instalam no tempo presente, não passando de vestígios do que, fugazmente, se entende por emancipação, uma vez que o saber da experiência é contingente (Bomdía, 2002).

O que é nomeado de experiência, neste artigo, tem a ver com o estudo bibliográfico desenvolvido por Henning (2019), quando relacionando existência, experiência e educação, apresenta uma síntese do significado de experiência produzido por John Dewey ao longo de sua obra. Tem a ver, também, com a noção de experiência como ato de dar sentido ao que nos acontece e ao que somos, como implicada nos processos de subjetivação, na própria vida, portanto, na formação e transformação dos sujeitos (Bondía, 2002). Daí sua importância para a educação, sobretudo, para a pesquisa e para a formação de professores.

A área de formação de professores, considerando pesquisas desenvolvidas desde o século XX até os dias atuais, tem feito articulações entre experiência, reflexão e formação docente, que podem ser encontradas em publicações de Monteiro (2019; 2020), tendo em vista que essa mobiliza seus esforços de pesquisa para compreender o aprender pela experiência, por parte dos professores, em processo de formação continuada. Para Monteiro (2019), a experiência profissional das professoras é o contexto de aprender e ensinar, que envolve uma trama entrelaçada por múltiplos significados na produção de seus saberes docentes, estando estes em constante movimento.

A mesma autora, ao considerar as experiências profissionais e histórias de vida dos professores pesquisados, por meio da pesquisa narrativa, conclui que esse processo de pesquisa caracteriza uma das formas de estudar o desenvolvimento profissional dos professores, reconhecendo a capacidade destes profissionais, a partir de suas próprias experiências, produzirem conhecimento profissional docente, bem como em produzir teorias sobre formação e desenvolvimento docente. Assim, Monteiro (2020) destaca a potência das pesquisas desenvolvidas a partir da experiência.

A reflexão apresentada neste artigo, também, se orienta pela compreensão da autonomia docente implicada na educação como prática de emancipação (Freire, 1987 e 2002), direcionando para a problematização, para a indignação, para o estudo sistemático, para o exercício da reflexão e para as relações horizontais e coletivas, entendidas como decisivas ao processo de emancipação.

Ao final, as autoras situam a emancipação no exercício constante, cotidiano e socialmente referenciado do trabalho docente, sendo este articulado com a formação e pesquisa.

A realidade de uma professora pesquisadora da escola do campo

“A realidade é, pois, por definição, problemática, instigante, provocadora.” (Henning, 2019, p. 3). Se está falando a partir de uma realidade, a educacional, a educação que ocorre no campo e que pretende não se inscrever somente a partir do local em que acontece, mas pertencer a quem nesse vive, portanto, trata-se de uma educação que reivindica ser do/no campo (Caldart, 2000; Molina, 2006). Mais especificamente, a reflexão desenvolvida e apresentada, neste artigo, é feita a partir da experiência de pesquisa de uma professora de uma escola do campo.

A Professora pesquisadora iniciante mora e trabalha em um município do estado de Mato Grosso, conforme figura que segue:

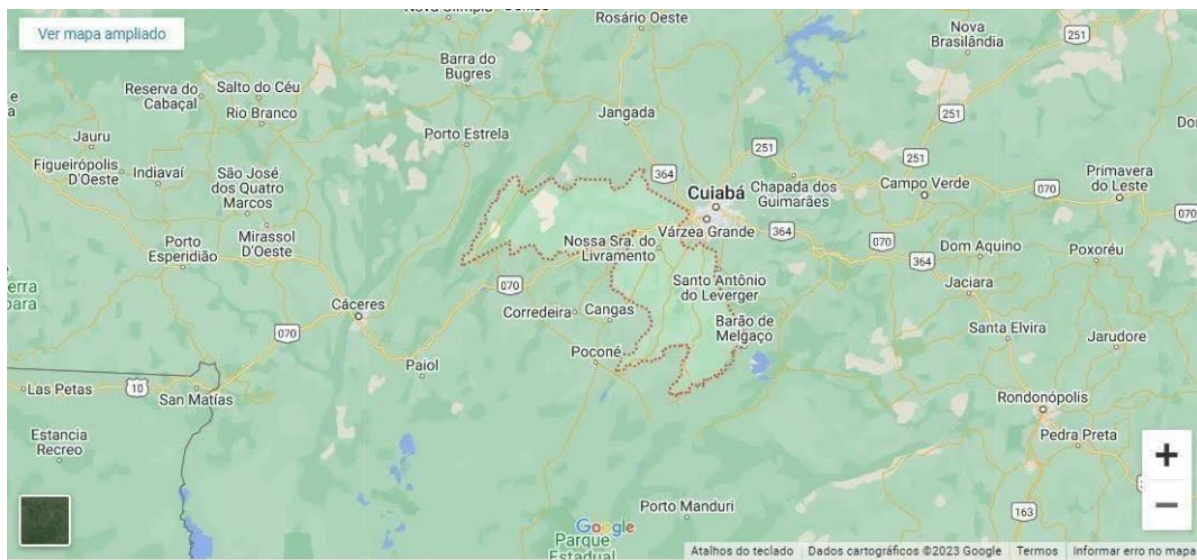
Figura 1 – Mapa do estado de Mato Grosso, com destaque para o Município de Nossa Senhora do Livramento



Fonte: Retirado de

https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Livramento_%28Mato_Grosso%29#/media/Ficheiro:MatoGrosso_Municip_NossaSenhoradoLivramento.svg.

Figura 2 – Mapa da cidade de Nossa Senhora do Livramento (MT)



Fonte: retirado de [mapas.com.br <https://www.mapas.com.br/brasil/mato-grosso/nossa-senhora-do-livramento>](https://www.mapas.com.br/brasil/mato-grosso/nossa-senhora-do-livramento).

A localidade foi criada, inicialmente, como Distrito de Livramento, em 1835, por uma lei provincial, e se tornou município em 1883. O Município abrange a vasta extensão territorial de 5.315 km², estando a 38,9 km da capital do estado, considerando a área urbana, com acesso pela BR-070/BR-163/BR-364. A população deste município é composta por cerca de 12.980 habitantes, com aproximadamente 70% residindo em áreas rurais, na qual também mora a professora pesquisadora iniciante e na qual se situa a escola do campo em que atua

profissionalmente e local em que se desenvolveu a pesquisa (Nascimento, 2024).

A referida professora pesquisadora começou a atuar, profissionalmente, em escolas do campo, no ano 2000, sem qualificação profissional para a docência, em construção improvisada e, por isso, considerada institucionalmente como sala anexa a outra escola, oficialmente registrada na rede municipal. O seu trabalho ocorria com uma única turma, em uma sala de aula multisseriada, atendendo aproximadamente trinta estudantes do primeiro ao quarto ano do Ensino Fundamental, à época, primeira à quarta série. A idade dos estudantes variava entre sete e doze anos. A professora também era responsável pela limpeza da sala e pelo preparo da merenda escolar (Nascimento, 2024). Alguns autores, como Arroyo (2013); Peripolli; Zoia (2014) explicitam a condição de precariedade do trabalho e da carreira docente ao longo da história das escolas rurais.

A partir do ano 2002, a professora pesquisadora mobiliza sua família, que constrói um barracão de palha, perto de sua residência, para funcionar como escola. Ao tempo em que este espaço era mais próximo de sua residência e em ambiente mais arejado, não possuía água potável, o que a obrigava a buscar água em longa distância. Na escola também não havia energia elétrica (Nascimento, 2024).

À medida em que a professora pesquisadora foi fazendo leituras sobre as escolas, sobre os professores e sobre a educação do campo, foi tomando conhecimento da dívida histórica (Arroyo, 2013) envolvendo a educação, sendo essa proporcionada aos povos do campo e fortalecendo a sua decisão de desenvolver a pesquisa de mestrado na escola em que atuava profissionalmente.

Até o ano de 2003, a referida professora atuou sem qualificação profissional, quando ingressou no curso Proformação – Programa de Formação de Professores em Exercício, criado pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação, portanto, do Governo Federal. Este curso era dirigido aos professores em exercício, que atuavam sem qualificação profissional nos anos iniciais da Educação Básica (Nascimento, 2024).

As dificuldades na atuação como professora de uma escola do campo se configuraram em todas as ordens. Relata a professora, em sua dissertação, que no ano de 2006, o desafio foi o fechamento de escolas, decorrente da gestão municipal ter diminuído a quantidade de escolas no campo e criado as chamadas escolas polo, reunindo os estudantes em um único local. Relata, ainda, a luta travada pela comunidade para que isto não acontecesse, porém sem sucesso, passando por angústias, denúncias e perseguições, pois a decisão foi tomada pela gestão municipal da época, sem considerar as demandas da comunidade.

Relata, ainda, ter liderado um movimento de pais e alunos para exigir que houvesse consulta à comunidade sobre a decisão da escola polo, coletando assinaturas para um abaixo-assinado, posteriormente, sendo esse encaminhado ao Ministério Público. Novamente, a comunidade não obteve sucesso e, mesmo estando em estágio probatório e sofrendo algumas retaliações, não abandonou as reivindicações, pois as lágrimas, a raiva e a certeza de estar lutando com pessoas influentes e poderosas, a impulsionaram, da mesma forma que buscou forças na religiosidade, nos familiares e na comunidade que sempre estiveram juntos na luta, mesmo não obtendo sucesso (Nascimento, 2024).

Abstrai-se destes acontecimentos e atitudes o que se passa a nomear de vestígios de emancipação, compreendendo-as, inspiradas em Freire (1987), como inserção social:

[...] enquanto um movimento que se inicia com o reconhecimento de problemáticas em que nos encontramos envolvidos, passa pelo nosso deslocamento para uma posição externa de distanciamento, observação, contemplação e entendimento, e retorna ao ponto inicial de modo intencional, indutivo, científico e politicamente orientado, direcionando nossa ação profissional e toda nossa tomada de decisão (Oliveira; Souza; Santos, 2021, p. 188).

Nessa inserção social, outro vestígio de emancipação se apresenta, a coletividade, entendida como um interesse comum compartilhado, como a dimensão social da experiência (Henning, 2019). Nessa há um sentimento de pertencimento a um coletivo, a uma comunidade ou sociedade, indicando a dimensão social da subjetivação e a subjetividade do social, que passa pela experiência (Henning, 2019).

Ao tempo em que se relata, descreve e reflete, também se está (re)vivendo esta experiência da professora pesquisadora do campo, pois ocorre concordância com Henning (2019) quando a autora enfatiza que a experiência é formativa, a sequência de experiências se conectam, afetando ações futuras de modo inevitável. Para que haja essa continuidade, e com essa a formação, é necessário que haja um exercício de reorganização e reconstrução da experiência por meio da reflexão. É este exercício que se propõe fazer e, também, é nesse que se conectam experiência e educação, experiência e formação docente.

A trajetória da formação relatada se fez experiência com o desenvolvimento da pesquisa intitulada “Fazer currículo na Educação do Campo: uma escola multisseriada como oficina”, defendida em fevereiro de 2024. Pesquisa que problematizou o currículo de uma escola do campo.

A formação profissional da professora pesquisadora iniciante teve um intervalo entre o ano de 2008, quando finalizou a qualificação para o magistério das séries iniciais do Ensino

Fundamental, com o Proformação, até o ano de 2021, quando, incentivada por colegas e, em cursos de formação continuada, se inscreveu e passou em seleção pública para cursar o mestrado acadêmico no Programa de Pós-graduação em Educação, em uma Universidade pública, na capital do estado de Mato Grosso, retomando seus estudos de qualificação profissional após doze anos. A retomada dos estudos ocorreu com grande entusiasmo, passando a experimentar seus primeiros desafios com a reelaboração do projeto de pesquisa.

Uma pesquisa não se delinea de imediato, na escrita inicial do projeto ou em um primeiro encontro entre quem está fazendo o curso e quem orienta. Na primeira versão do projeto, a professora pesquisadora iniciante responsabilizava as salas multisseriadas pelos problemas de qualidade da escola do campo, uma vez que os professores trabalham em uma mesma sala de aula, com estudantes de diferentes níveis de ensino e ao mesmo tempo (Arroyo, 2013). Ocasão em que foi desafiada pela orientadora:

Durante uma das primeiras conversas com minha orientadora [...] me perguntou se eu sabia diferenciar a escola rural da escola no/do campo. Respondi que não, pois, na minha concepção, não havia diferença. Na primeira versão do pré-projeto, mencionei várias vezes a escola no campo como escola rural. Busquei, por meio das leituras, compreender a diferença entre esses dois tipos de escolas. A história da educação no campo está muito ligada às lutas pela terra no Brasil (Nascimento, 2024, p. 21).

Este momento se tornou um daqueles pontos cruciais, ou de vestígios, em que se abstrai o movimento de emancipação, pois esta não acontece na passividade, no conforto da manutenção do que já se conhece, no [...] ponto originário para o desenvolvimento do pensamento: a dúvida, a perplexidade, o problema, gestados numa mente curiosa frente à mutabilidade e contradições do mundo precário da vida [...] (Henning, 2019, p. 7). Há também a necessidade do esforço acadêmico da leitura, do estudo, do reconhecimento de que outros pesquisadores e pesquisadoras já produziram conhecimento sobre o problema identificado e a temática em que se situa.

Nesse processo de pesquisa, também não basta a ampliação e aprofundamento das leituras para que se configure a emancipação. Uma pesquisa feita por uma professora, que trabalha em uma escola do campo e pretende intervir nessa realidade, requer uma metodologia que articule a realidade da escola do campo, o trabalho que a professora pesquisadora desenvolve nessa escola e sua formação no curso de mestrado. De modo mais incisivo, requer processos de pesquisa que articulem a experiência profissional, reflexão e formação. Diante desta necessidade, a pesquisadora, professora da educação do campo, foi desafiada a desenvolver uma pesquisa-ação.

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social e com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p.20).

O desenvolvimento da pesquisa-ação foi se constituindo de modo orgânico, foi realizada na escola em que a professora pesquisadora iniciante atuava profissionalmente, o que facilitou a produção de dados por meio de seminários, envolvendo quase todos os segmentos de trabalhadores da escola; a participação nas atividades de formação continuada dos professores; o acesso aos documentos da escola; e a aceitação de concessão de entrevistas por parte dos professores e dos demais segmentos da escola, aleatoriamente escolhidos. O engajamento dos colegas, enquanto colaboradores da pesquisa, foi decisivo para o transcorrer desta e para sua efetivação enquanto pesquisa-ação.

No momento de reflexão da elaboração do projeto e do desenvolvimento da pesquisa, outros sinais de engajamento social e coletivo indicam vestígios de emancipação:

É muito difícil tornar audível a voz da comunidade escolar com sua cultura, conhecimentos e valores contrapondo a sociedade elitista que tenta negar, silenciar e sufocar essa voz. Diante de todos os percalços encontrados neste caminho, não me calei, aliás não nos calamos, pois, o desejo de dar audiência à voz dos educandos do campo é que me motivou a me tornar pesquisadora do currículo da escola do campo. Busco nesta pesquisa não resolver todos os problemas que vivenciam alunos e profissionais da escola do campo, mas sim buscar conhecimentos para fortalecer as lutas necessárias para visionar um presente e um futuro de conquistas aos educandos e educadores do campo (Nascimento, 2024, p. 20).

A professora pesquisadora não encontrou dificuldades somente na relação entre a escola do campo em que atuava e as gestões elitistas do município, mas na própria instituição formadora, na qual fazia seu mestrado. Ao apresentar seu projeto no início do semestre letivo, em uma das atividades curriculares do curso, a professora mestranda se mostrou insegura, saindo insatisfeita com seu desempenho enquanto estudante. Um semestre depois, na sequência da atividade curricular, apresentou o seu projeto com segurança e desenvoltura e vendo a admiração de muitos colegas, relatou ter quase desistido de fazer o mestrado.

Nesta ocasião, por iniciativa própria, a professora pesquisadora iniciante relatou que em um dos dias de aula no mestrado, voltou para sua casa indignada por não estar entendendo nada do que os professores falavam, porque as palavras que eles usavam não eram do conhecimento dela. Disse, ainda, que não entendia o que os colegas diziam, as palavras e afirmações lhes eram muito estranhas. Acrescenta, também, que aquilo que os colegas diziam entender das leituras,

que faziam para as disciplinas, não faziam nenhum sentido para ela, pois lia os textos muitas vezes e não entendia o mesmo que os colegas. Nesse momento de decepção, constrangimento, indignação e revolta, disse pensar: “não volto mais à Universidade e vou jogar meu telefone fora para ninguém me encontrar”. Porém, isto não aconteceu, ela estava à frente da turma, plena, segura, apresentando seu projeto de pesquisa.

Tem-se, pois, mais uma ocasião em que a experiência afeta as pessoas, tirando-as de lugares comuns, de situações e performances superficiais do senso comum acadêmico, em que estudantes preferem fingir que estão entendendo os autores, os professores e os colegas que apresentam performances de que tudo sabem, preferindo utilizar ou repetir palavras fora do comum, com ares de que tudo entendem e por isso nada perguntam.

A conclusão a que se chega, tanto professoras pesquisadoras experientes quanto a não mais iniciante, os saberes e competências (Freire, 2002) por ela anteriormente construídos na luta por educação, na auto-afirmação em defesa do próprio trabalho nas escolas do campo, nas mobilizações coletivas e reivindicações públicas e, também, a própria “natureza” da experiência, movida pelo conflito, pela dúvida, e por forças opostas (Henning, 2019), ainda por fracassos (Bondía, 2002), a impediu que desistisse e, também, que seguisse aquela performance do senso comum de ambientes de pós-graduação *stricto sensu*, muito mais potencializadoras da produção de conhecimento e da emancipação, de que todos sabem tudo.

Também se entende que o efetivo exercício de pesquisa - com leituras, debates, dúvidas, perguntas, mesmo que elementares, exposição sem medo do “ridículo”, produção de conhecimento, entre outras ações que configuram a experiência de pesquisa -, a impediram de desistir e deram sustentação para sua afirmação: “professora, eu me emancipei”.

A expressão de emancipação se encontra no próprio entendimento de currículo que pesquisava, pois não mais responsabilizava as salas multisseriadas por todos os problemas das escolas do campo. A professora pesquisadora do currículo da escola do campo passou a exercitar a articulação, de modo bem-sucedido, entre os saberes disciplinares presentes nos planos curriculares e os saberes das comunidades locais, tais como a moagem de cana para a fabricação de rapaduras e outros derivados; as danças e cantos das comunidades tradicionais; a fauna e a flora local... nas palavras da própria pesquisadora,

[...] o fortalecimento de tais lutas não é possível com o apagamento ou a invisibilidade dos elementos presentes no cotidiano do campo, pelo contrário, esse fortalecimento perpassa a valorização e o reconhecimento desses elementos [...], como a moenda, o tacho e o pilão (Nascimento, 2024, p.20).

Esta compreensão de currículo se mostra um dos vestígios mais potentes em termos de emancipação, pois [...] as matérias apresentadas no currículo escolar podem dividir o Mundo, abstrair os fatos em demasia, selecionar eventos e os classificar em diferentes conteúdos escolares de acordo com princípios muitas vezes inalcançáveis à compreensão do educando.” (Henning, 2019, p. 9).

Para todos os indicativos de emancipação se destaca a importância do pensamento investigativo e reflexivo na capacidade de desenvolvimento humano e no aprimoramento da existência social por meio da educação (Henning, 2019). Reconhece-se na reflexão exposta, neste artigo, que o caráter investigativo e reflexivo da experiência conecta tal aspecto à pesquisa, à reflexão e à formação e desenvolvimento profissional docente (Monteiro, 2019).

Reafirma-se a atenção para a problematização, para a indignação, para o estudo sistemático, para o exercício da reflexão e para as relações horizontais e coletivas, entendidas como decisivas ao processo de emancipação.

Lembra-se, por fim, que na experiência [...] não há qualquer possibilidade de haver o estabelecimento de um fim absoluto [...] (Henning, 2019, p.16).

Conclusões

A partir da análise exposta neste artigo, após sistemática reflexão considerando uma experiência de desenvolvimento de pesquisa-ação por uma professora de escola do campo, em formação no curso de Pós-graduação *stricto sensu*, acolhe-se a conclusão da mesma professora, de que ela se emancipou. Situa-se esta emancipação no que Freire (1987) nomeia de constante exercício de liberdade como prática. Assim, a emancipação se configura como processo permanente de libertação.

O desenvolvimento da pesquisa-ação pela professora da escola do campo propiciou seu exercício da liberdade, desenvolvendo ações no currículo escolar que a mudaram pessoal e profissionalmente, mudaram os demais profissionais, que atuam na mesma escola e transformaram o currículo, no sentido de proporcionar a presença dos saberes das comunidades do campo no currículo da escola do/no campo, potencializando também as aprendizagens e produção de conhecimentos por parte dos estudantes e, assim, criando possibilidades para esses também se emanciparem, indicando a coletividade das práticas emancipatórias.

Parafraseando Freire (1987, p. 29), a professora, desafiada pela dramaticidade de não entender o que os professores e os colegas do mestrado e doutorado estavam falando, entre jogar o telefone fora e nunca mais aparecer na Universidade ou continuar o curso, decide por

desenvolver sua pesquisa de mestrado e, assim, descobre a si mesma como problema, descobre que pouco sabe do currículo da escola do campo, do que seja a educação do campo, e muito menos a luta dos povos do campo, e assim ela se inquieta por saber mais, transformando seu próprio trabalho docente no currículo de em uma escola do campo como problema. Houve aprendizagem, descoberta das relações, houve associação do que fez na pesquisa e do que a pesquisa fez a ela.

Nos interstícios da experiência de pesquisa e formação, que ocorrem simultaneamente, se configura uma prática pedagógica como prática da liberdade, se configura a horizontalidade e constante exercício de emancipação.

A emancipação ocorre na experiência, esta, por sua vez, ocorre no âmbito da fragilidade, imprevisibilidade e contingência. O futuro da emancipação da professora não é absolutamente exitoso, não há garantias que essa permaneça e muito menos ocorre o entendimento de que o reconhecimento da emancipação da professora e pesquisadora do campo seja a descoberta de uma fórmula, em que ao serem seguidos os mesmos passos se alcançarão os mesmos resultados.

Autonomia docente, presente na organização curricular e no vir a ser docente, se apresenta como condição existencial, vivenciada social e coletivamente na produção do que vem a ser professor e na liberdade de significação do currículo.

As práticas pedagógicas exercidas nesta experiência de pesquisa, envolvendo orientação, reflexão, revolta, indignação, docência e, sobretudo, formação mútua, as pesquisadoras experientes aprendem com a pesquisadora iniciante, descobrindo a horizontalidade das relações pedagógicas e experimentando as práticas coletivas de pesquisa como práticas emancipatórias.

Referências

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan. abr. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 17 nov. 2024.

CALDART, Roseli Salet. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, RJ, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HENNING, Leoni Maria Padilha. *A Experiência no Mundo Existencial, Segundo Dewey*.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v.44, n.3, p. 01-21. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/91397>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa**. Questões para reflexão. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. **Desenvolvimento Profissional da Docência: sentidos e significados compartilhados em pesquisa narrativa**. Didática e Prática de Ensino: diálogos sobre a Escola, a Formação de Professores e a Sociedade. EdUECE - Livro 4 00717, 2019.

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. Entre Experiências e Saberes: narrativas de professoras em exercício nos anos iniciais. **Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis, [S.l.], v. 38, n. 2, p. 01-21, 2020.

NASCIMENTO, Rosana Paula da Silva. **Fazer currículo na educação do campo - uma escola multisseriada como oficina**. 2023. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2024.

OLIVEIRA, Ozerina Victor de; SOUZA, Shirley Cláudia da Silva e; SANTOS, Delvânia A. Góes dos. MOVIMENTO COLETIVO DE DESENVOLVIMENTO DA PÓS-GRADUAÇÃO: percursos construídos por um grupo de pesquisa. In: SÁ, Elizabeth Figueiredo de; ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire de; RIBEIRO, Marcel Thiago Damasceno. (Org.). **Memória, Pesquisa e Impacto Social**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2021. p.181-193.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PERIPOLLI, Odimar João; ZOIA, Alceu. O Professor das Escolas do Campo: Trabalhador de Múltiplas Jornadas de Trabalho. **Revista da Faculdade de Educação [S.l.]**, v. 22, n. 2, p. 99-114, 2014.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Ozerina Victor de Oliveira. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente na Universidade Federal de Mato Grosso. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1863707315885015>

Imar Domingos Queiroz. Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente na Universidade Federal de Mato Grosso. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4408681712025275>

Rosana Paula da Silva Nascimento. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Docente na Escola Estadual Benedito Pereira Leite - Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2006123128342864>

Como citar

OLIVEIRA, Ozerina Victor de; QUEIROZ, Imar Domingos; NASCIMENTO, Rosana Paula do. PESQUISA, FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: reflexões a partir de uma experiência. **Revista Espaço Currículo**, v. 18, n. 1, e72325, 2025. DOI: 10.15687/rec.v18i1.72325.